

ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR E O USO EDUCACIONAL DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

HIGHER EDUCATION STUDENTS AND THE EDUCATIONAL USE OF GENERATIVE ARTIFICIAL INTELLIGENCE: CHALLENGES AND POSSIBILITIES

Ivana Maria Schnitman¹

Isadora Pereira dos Santos²

Kaiky Bruno Gonçalves Ferreira³

Marcus Vinicius Guedes Miranda⁴

Pétala Grecov Silva⁵

Victória Camilo Lima⁶

RESUMO: Este estudo se propôs a analisar a percepção de estudantes universitários sobre os desafios e possibilidades da integração da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) no contexto educacional. Para este fim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 42 estudantes de uma universidade federal no sul da Bahia. A amostra foi diversa quanto a: gênero, idade, área de conhecimento e grau de conforto na utilização de IAGen. A análise de conteúdo das falas discentes revelaram que, embora estudantes reconheçam o potencial dessa tecnologia, também manifestam preocupações quanto aos seus efeitos na aprendizagem. Os aspectos mais salientados se referem à: otimização do tempo, risco de dependência, perda da autonomia intelectual e manutenção do pensamento crítico e autoria. A pesquisa concluiu que estudantes universitários consideram ser importante que o uso de IAGen em contextos acadêmicos seja baseada em atitude ética e responsável, de forma que esta tecnologia seja um recurso e não uma substituta dos processos cognitivos humanos.

1

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Educação. Ensino Superior.

ABSTRACT: This study set out to analyze university students' perceptions of the challenges and possibilities of integrating Generative Artificial Intelligence (GenAI) into the educational context. Towards this goal, semi-structured interviews were conducted with 42 students at a federal university in southern Bahia. The sample was diverse in terms of gender, age, field of study, and degree of comfort using GenAI. Content analysis of the students' statements revealed that, although students recognize the potential of this technology, they also express concerns about its effects on learning. The most frequently highlighted aspects relate to: time optimization, risk of dependence, loss of intellectual autonomy, and the maintenance of critical thinking and authorship. The study concluded that university students consider it important for the use of Generative AI in academic contexts to be based on an ethical and responsible approach, so that this technology serves as a resource rather than a substitute for human cognitive processes.

Keywords: Artificial Intelligence. Education. Higher Education.

¹Ph.D em Educação, Universidade Federal do Sul da Bahia.

²Bacharel Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal do Sul da Bahia.

³Bacharel Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal do Sul da Bahia. kaiky.

⁴Bacharel Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal do Sul da Bahia.

⁵Pedagoga, Licenciada em História, Universidade Federal do Sul da Bahia.

⁶Bacharel Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal do Sul da Bahia.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, variadas tecnologias foram desenvolvidas pelo homem impactando a sociedade em diferentes áreas. Dentre elas destaca-se uma ferramenta contemporânea que tem nos afetado de forma inédita e irreversível: a Inteligência Artificial Generativa (IAGen). Essa tecnologia tem transformado os processos de produção do conhecimento e os de aprendizagem, “influenciando o papel do ensino e das instituições universitárias” (BASSI RE, 2024, p.26).

A presença da IAGen nos ambientes educacionais tensiona as práticas de ensino tradicionais (Vieriu AM e Petrea G, 2025, Wong WKO, 2024), requerendo a compreensão desse recurso, bem como as vantagens e desvantagens do seu uso (QADIR J, 2023, VIERIU AM e PETREA G, 2025). Primariamente caracterizados por “Modelos de Linguagem de Grande Escala”, (LLMs), estes modelos são treinados a partir de uma grande quantidade de conteúdo, incluindo os vieses e inverdades ali presentes (STOKEL-WALKER C e VAN NOORDEN R, 2023, p. 215). Assim, considerando que o esforço mental para realizar determinadas tarefas com o auxílio de IA tende a ser menor (Kosmyna N, et al., 2025), alguns métodos avaliativos perdem efetividade na contemporaneidade. Docentes têm dificuldade em identificar a autoria de seus alunos (Kasneci E, et al., 2023) e estudantes vêm a agência humana esvair-se na realização de atividades acadêmicas (UNESCO, 2024).

No entanto, a perspectiva pessimista de integração de IAGen à educação não deve ser a única. Múltiplas possibilidades de uso podem auxiliar ou até mesmo enriquecer diferentes tarefas acadêmicas do dia-a-dia (KASNECI E, et al., 2023). Discentes costumam utilizar a IA para fazer resumos, auxiliar na elaboração de textos ou correção ortográfica, em traduções, relatórios ou até mesmo como um tutor individualizado (PIMENTEL M e CARVALHO F, 2023). Entretanto, o uso irrestrito dessa tecnologia pode levar à dependência e a uma visão limitada, contribuindo para a “perda da habilidade de pensamento crítico, capacidade de investigação e resolução de problemas de forma independente” (BASSI RE, 2024, p.30).

Essa pesquisa surgiu em um contexto onde a IAGen está presente no cotidiano dos estudantes e buscou coletar opiniões, percepções e anseios com relação a essa tecnologia e de como ela está transformando os processos de ensino aprendizagem.

A Inteligência Artificial Generativa no Ensino Superior

Desde o lançamento público do ChatGPT, os grandes Modelos de Linguagem (LLMs) estão cada vez mais enraizados na rotina das pessoas. Dentre inúmeras discussões sobre a presença da IAGen em variados contextos, uma delas trata de sua intervenção na educação, onde a IAGen é vista como tendo um grande potencial para apoiar os processos de ensino aprendizagem. Conforme Kasneci E, et al. (2023) aponta, esses modelos podem auxiliar estudantes tanto em tarefas de pesquisa e escrita, quanto no desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico, por meio da geração de resumos, esquemas e sugestões que ajudam a organizar ideias e a identificar aspectos pouco explorados de determinado tema.

Apesar desse potencial, vale refletir sobre os riscos associados ao uso dessas tecnologias no ambiente acadêmico. Kasneci E, et al. (2023) argumenta que a forma com que os modelos de IAGen fornecem respostas prontas ao usuário podem reduzir o esforço dos estudantes na busca autônoma de informações. Esse fenômeno também pode causar dependência, condicionando os usuários às respostas fornecidas pela IA (BASSI RE, 2024). (Kosmyna N, et al., 2025) realizou um experimento que observou o declínio do esforço cognitivo, atrelado ao uso reiterado de IAGen, tornando esse uso uma simples leitura de respostas, enfraquecendo assim o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas. Assim, para que não ocorra o uso acrítico de IAGen, deve-se evitar uma "visão utópica com seu otimismo eufórico e ingênuo, ou, no outro extremo, a distopia com seu pessimismo paralisante" (PIMENTEL M e CARVALHO F, 2023, p. 2).

3

Informação, conhecimento e aprendizagem: uma discussão necessária

No contexto educacional atual, torna-se importante distinguir informação de conhecimento. Informação é aquilo que pode ser transmitido, como uma data histórica ou um código de programação. Esses são exemplos de informações que podem ser acessadas de forma rápida por meio da IAGen.

O processo de aquisição do conhecimento, por sua vez, envolve um processo de compreensão, interpretação e integração de informações às estruturas cognitivas do estudante, possibilitando, sua aplicação em novos contextos e situações. O conhecimento é resultado da aprendizagem:

A perspectiva das ciências sociais descreveria o processo de aquisição de conhecimento como um processo que envolve complexos processos cognitivos, experienciais, de associação e de raciocínio. Envolve esforços mentais intensos e mobiliza a nossa mente consciente. O conhecimento, portanto, não é algo que eu possa adquirir simplesmente entrando numa biblioteca, pegando num livro e lendo o seu texto. (LUCKIN R, 2018. p. 25, tradução nossa).⁷

A aprendizagem é mediada por instrumentos, linguagem e interação social. Esse processo ativo ocorre quando o sujeito interpreta, relaciona e reorganiza novas informações a partir de conhecimentos prévios e de suas experiências, construindo significado sobre a realidade, bem como a modificando (VYGOTSKY LS, 1989).

Nessa perspectiva, aprender é um processo que envolve esforço cognitivo (Kosmyna N, et al., 2025), permitindo atribuir sentido à informação por meio da sua interpretação, relacionando-a a conhecimentos prévios e experiências vividas. A IAGen amplia o acesso à informação sem substituir o processo de aprendizagem envolvido na construção do conhecimento. A aprendizagem depende da participação ativa do estudante, que questiona, interpreta e atribui significado às informações que lhe são apresentadas.

Portanto, a tecnologia não gera automaticamente aprendizagem. Por isso, mesmo em um cenário de ampla utilização da IAGen, o papel do professor continua sendo fundamental. É ele quem define as estratégias de aprendizagem, seleciona modelos didáticos, propõe objetivos e realiza intervenções pedagógicas quando necessário (HOLMES W, et al., 2019).

Agência humana e uso crítico da Inteligência Artificial

A agência humana, nesse contexto, é definida como a capacidade dos indivíduos de exercer julgamento, fazer escolhas conscientes e assumir responsabilidade pelas decisões mediadas pela IAGen. Esse uso, quando conjugado à agência humana torna a IAGen um apoio, não uma substituta da capacidade de pensar, avaliar e decidir (UNESCO, 2024).

A IAGen consegue realizar tarefas que envolvem o processamento de um grande volume de dados. Para usar essa capacidade na aprendizagem, torna-se imperativo fazer boas perguntas (prompts), buscando coletar evidências de qualidade dentro das respostas que são fornecidas pela IA.

⁷A social science perspective would portray the process of knowledge acquisition as one involving complex cognitive, experiential, association and reasoning processes. It involves strenuous mental efforts and engages our conscious mind. Knowledge, then, is not something I can acquire simply by walking into a library, picking up a book and reading text.

Nesse sentido, a informação produzida pela IAGen não deve ser aceita de forma acrítica, mas sim confrontada com outras fontes, avaliando sua confiabilidade e relevância. Assim, a busca por evidências de qualidade constitui um elemento essencial na construção do conhecimento, pois desloca o estudante da posição passiva de mero receptor, para o sujeito que analisa e interpreta as informações disponíveis (LUCKIN R, 2018).

A intervenção humana, presente tanto na análise, quanto na avaliação das respostas, tem por finalidade compensar limitações que a máquina possui na geração de conteúdo, por vezes desconsiderando critérios culturais e sociais. Essa constatação é crucial para o debate sobre agência:

[...] se os LLMs são, em última instância, uma expressão matematizada de escolhas e intervenções humanas anteriores, atribuir a eles funções de decisão pedagógica significa, na prática, transferir a agência não a uma instância neutra e objetiva, mas aos critérios que, muitas vezes, permanecem ocultos para o usuário que os treinou (LIMA-LOPES, 2025. p. 8-9).

Portanto, é necessário “que essa tecnologia seja empregada para aperfeiçoar e complementar as práticas pedagógicas já existentes, ao invés de substituir ou desvalorizá-las” (BASSI RE, 2024, p.31).

Desta forma, a pesquisa buscou examinar as perspectivas pelas quais os estudantes da UFSB tratam IAGen, compreendendo o grau de ceticismo, otimismo e outros padrões de comportamento.

MÉTODOS

Esta pesquisa utilizou uma metodologia qualitativa, através da realização de entrevistas semiestruturadas, com duração média de 15 minutos. A escolha de realizar entrevistas ao invés de formulários se deu ao fato deste formato possibilitar uma maior riqueza nas respostas. As entrevistas foram realizadas com 42 estudantes, de diversos cursos, situados em três campi da UFSB, na Bahia, sendo eles os de Porto Seguro, Teixeira de Freitas e Itabuna. As transcrições das entrevistas foram tabuladas e analisadas através da análise de seu conteúdo, envolvendo:

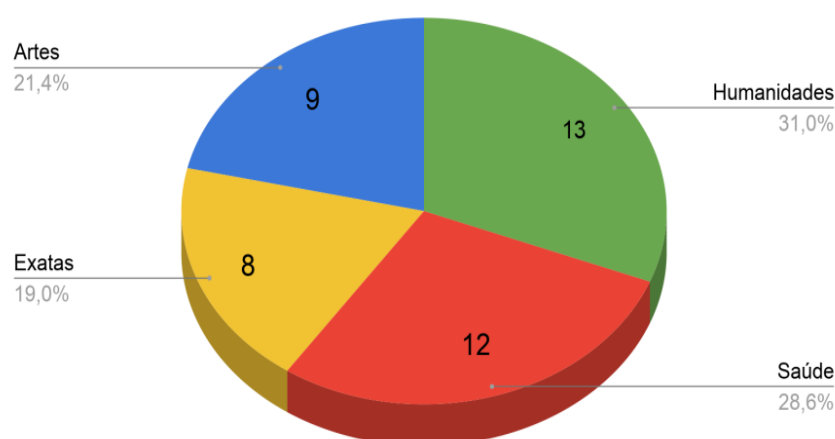
[...] a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e a seus componentes psicossociais. As mensagens podem ser verbais (orais ou escritas), gestuais, figurativas, documentais. Sua perspectiva de abordagem se situa na interface

da Linguística e da Psicologia Social. Mas enquanto a linguística estuda a língua, o sistema da linguagem, a Análise de Conteúdo atua sobre a fala, sobre o sintagma. Ela descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras. (SEVERINO, 2017. p. 135)

O estudo foi submetido a averiguação ética, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSB, sob o CAAE nº 88450225.6.0000.8467.

A amostra foi composta por 42 estudantes da UFSB, situados em três campi. Houve uma distribuição diversificada de áreas de conhecimento: Humanidades; Saúde; Ciências Exatas e Artes, com predominância de estudantes da área de Humanidades, seguidas da área da Saúde, Exatas e Artes (Gráfico 1).

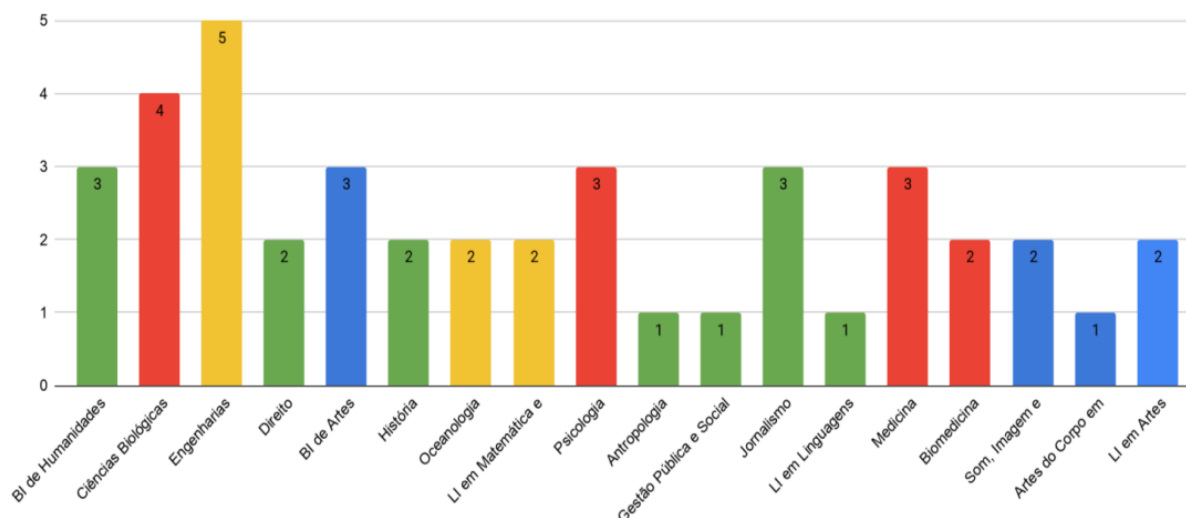
Gráfico 1 - Áreas de conhecimento dos participantes (N42)



Fonte: SCHNITMAN IM, et al., 2026.

O Gráfico 2 apresenta a distribuição dos participantes nos cursos de graduação, sendo a maior frequência de estudantes de Engenharia (5 participantes), seguido por Ciências Biológicas (4 participantes). Os demais cursos apresentaram participações entre 1 a 2 respondentes (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Cursos de graduação específicos dos participantes (N = 42)

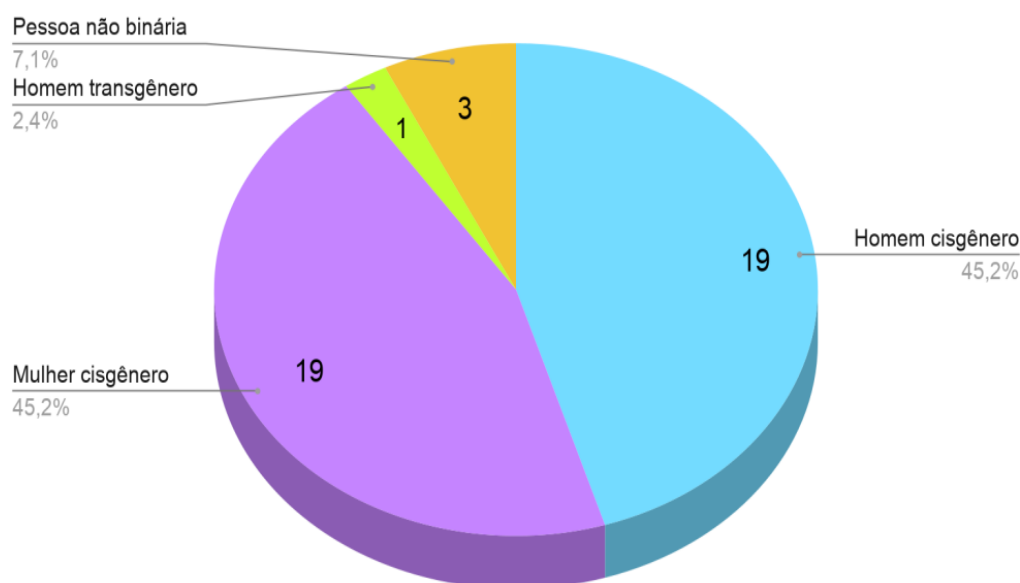


Fonte: SCHNITMAN IM, et al., 2026.

Quanto ao gênero, a distribuição também foi balanceada, com 19 homens cisgêneros, 19 mulheres cisgêneros, 3 pessoas não binárias e 1 homem transgênero (Gráfico 3).

7

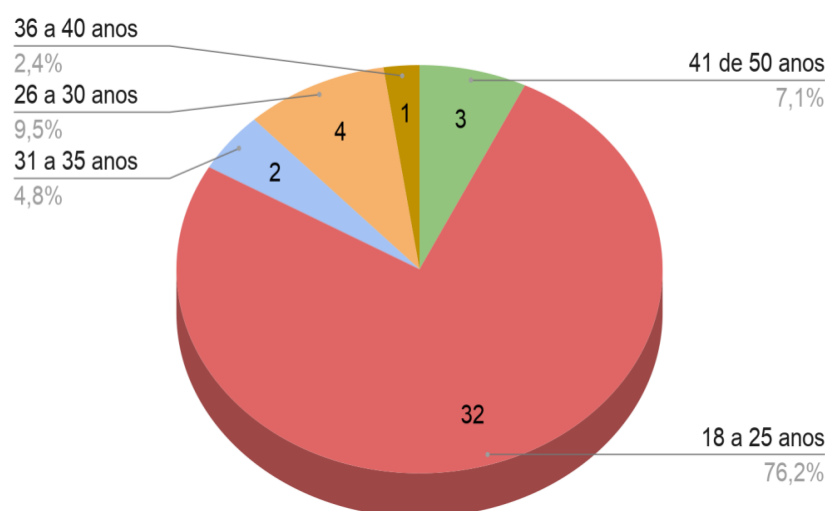
Gráfico 3 - Identidade de Gênero (N = 42)



Fonte: SCHNITMAN IM, et al., 2026

Com relação à faixa etária, as idades variaram de 18 à 50 anos. A percentagem mais expressiva se situou na faixa etária de 18 a 25 anos, com 32 participantes (76,2%), seguidos pela faixa etária de 26 a 30 anos, com 4 participantes (9,5%) (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Faixa etária (N = 42)



Fonte: SCHNITMAN IM, et al., 2026

COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas, realizadas ao longo de 2 meses com 42 discentes da UFSB, com participação voluntária. As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, por meio de videoconferência, embora algumas tenham sido presenciais. As entrevistas foram gravadas, transcritas e seguiram um roteiro, composto pelas seguintes perguntas:

Você utiliza Inteligência Artificial (IA)? Se sim, qual a IA você mais utiliza? Se não, porque não utiliza?

De que modo você utiliza?

Qual o seu grau de conforto na utilização de IA?

Como você acredita que a IA deva ser utilizada?

Você acha que o uso que tem feito de IA auxilia na sua aprendizagem?

Considerando o uso educacional da IA, você acha que o professor deveria estabelecer alguma regra para a utilização?

Quais os benefícios que você vê e os desafios que você enfrenta na utilização de IA?

Na sua opinião, como deveria ser uma utilização responsável e ética da IA?

Você tem mais algum comentário sobre o uso de IA na educação ou na universidade?

Vale ressaltar que, a fim de garantir o anonimato, todos os participantes foram identificados por pseudônimos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura e análise das transcrições das entrevistas, foram elaboradas seis categorias analíticas: Otimização do tempo; Consciência do uso; Efeitos na aprendizagem; Atuação docente; Tipos de uso e Diversos.

Otimização do tempo

Essa categoria reúne falas que se referem a influência da IAGen na gestão do tempo despendido para a realização de atividades acadêmicas. As respostas evidenciam a percepção de que a IAGen reduz o tempo de tarefas relacionadas à pesquisa, leitura, escrita e revisão de textos e organização de estudos.

Um dos motivos de eu ter atrasado na minha graduação foi por conta do trabalho. Então eu não tinha tempo de ler as 300 páginas que o professor passava, então eu usava muito para resumir alguns textos [...] Foi uma ferramenta que me ajudou a poupar muito tempo nesse sentido. (André)

[...] eu creio que ela pode ser utilizada principalmente para otimização de tarefas, otimização de alguns serviços. Muito do problema é que ao invés de só otimizar, parece que as pessoas querem que a IA faça tudo. (Gustavo)

Relatos como estes foram recorrentes. Independente da área de conhecimento, a grande maioria dos entrevistados indicou que o principal benefício em utilizar IAGen nos estudos era a economia de tempo, otimizando, assim, a realização das tarefas acadêmicas.

Embora os estudantes percebam a IAGen como uma tecnologia que auxilia na realização de atividades acadêmicas, isso não deve ser confundido com o ato de aprendizagem. Conforme Luckin R (2018), a construção do conhecimento envolve processos complexos de raciocínio,

vivência e associação. IAGen é apenas um auxiliar, enquanto a construção de conhecimento exige esforço cognitivo e autonomia intelectual.

Pensando a aprendizagem numa perspectiva histórico cultural, os signos, como a linguagem escrita e os números, atuam como uma ponte psicológica entre o externo (ambiente) e o interno (operações psicológicas). (VYGOTSKY LS, 1989).

Deste modo, para que o rápido acesso à informação, promova o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como a memória lógica, atenção voluntária, e formação de conceitos, é preciso que aconteça a reconstrução interna de uma operação externa.

Nesse sentido, buscamos evidenciar, que aprender envolve delicados processos internos que acontecem na psiquê do indivíduo, e que o acesso à informação de modo instrumental, sendo assim, é apenas uma parte desse movimento.

Verificação de conteúdo

Manifesta a preocupação em conferir, validar ou comparar as informações produzidas pela IAGen com outras fontes, antes de utilizá-las em atividades ou produções acadêmicas. Portanto, estão agrupadas aqui falas que apresentam opiniões sobre comparação e julgamento crítico das respostas da IA.

10

[...] Principalmente a área da saúde, a gente tem que tomar um certo cuidado com as fontes, estar sempre ali checando e ter conhecimento da área. Que ela é imperfeita, né? Ela tem lá suas falhas, embora seja muito boa. E é basicamente isso né? Ela é boa. Deve ser utilizada, auxilia. Mas, quando é uma coisa mais séria, aí, tomar muito cuidado para ter um conhecimento prévio e para checar algumas informações. [...] Não só na situação de verídico, como incompleto também. Às vezes é mais abrangente do que a gente imagina. (Aquila)

Também houveram estudantes que ressaltaram que essa tecnologia não era uma fonte confiável:

[...] o que é fonte considerada fonte confiável, né? É um material que foi revisado, é um material que foi publicado. Isso é fonte. (Helena)

[...] Porque eu sinto que ela mascara muito o próprio conhecimento e muitas pessoas também têm essa fonte como uma fonte super confiável. Mas por diversas vezes eu já me senti super inseguro dessas respostas que ela me dá e de serem respostas também ou enviesadas ou respostas erradas. Então, eu não consigo confiar de fato e prefiro sempre buscar ler artigos, pesquisar em livros ou em outros sites da web. (João)

As falas acima refletem uma preocupação em torno das respostas geradas por IAGen. A tecnologia pode cometer erros ou conter viés algorítmico, pois as respostas podem desconsiderar pontos de vistas ou até mesmo reproduzir vieses preconceituosos e excludentes. As respostas

são condicionadas pelos dados utilizados no treinamento do modelo, pelas classificações e pelas escolhas humanas envolvidas em seu desenvolvimento (CRAWFORD K, 2021).

Dessa forma, como corroborado por Luckin R (2018), os indivíduos devem ser capazes de reconhecer boas evidências, formular as perguntas corretas e analisar criticamente as informações, antes de aceitá-las como verdade.

CONSCIÊNCIA DE USO

Para Damásio A (2000), a consciência é a função biológica que nos permite saber o que estamos sentindo: tristeza, alegria, prazer, vergonha ou orgulho. Além do ponto de vista biológico, Damásio A (2000) explica que consciência é definida como a percepção que o indivíduo tem de si próprio e como esse passo na evolução humana possibilitou a criação da consciência moral, religiosa, da organização social e política, das artes, ciência e da tecnologia.

Assim, a categoria analítica “Consciência de uso” compreende as respostas que expressam critérios, limites e responsabilidades no uso da IAGen no contexto acadêmico. Essa categoria reúne percepções sobre quando o uso da IAGen é considerado adequado ou inadequado, enfatizando seu papel como recurso, que não substitui a autoria, o protagonismo e a responsabilidade estudantil na realização das atividades acadêmicas. Assim, destacam-se as seguintes falas:

11

É realmente utilizar ela como uma ferramenta de auxílio, não como se fosse algo para utilizar somente ela. Utilizar para agregar com outro conhecimento [...] Utilizar de forma complementar, eu acho que assim é mais válido, e procurar Inteligência Artificial que realmente tenha uma base de dados interessante. (Ricardo)

Meu maior desafio é buscar ter controle da facilidade que ela me dá. Igual eu falei no começo, de não tentar fazer aquele jogo com o Ctrl C Ctrl V, sabe? É muito difícil, você tem aquela facilidade de repente, em pouco tempo você mandar um trabalho pronto, é instigante você fazer dessa forma. Esse é o desafio: você tentar se manter firme e não usar ela de forma errada. Ela dá essa facilidade. Tudo que é muito fácil te seduz com facilidade. E aí eu acho que é um grande desafio ser correto mesmo tendo essa facilidade. (Marcelino)

Pode-se observar a preocupação em usar a IAGen como auxílio, sem delegar os processos de reflexão, tomada de decisão e autoria. Estudantes demonstram necessidade de permanecer agentes do processo (UNESCO, 2024), mantendo sua autonomia, observando que “[...] o maior desafio, é você manter essa linha tênue entre algo que é prático e algo que vai te deixar burro.” (Leandro)

Efeitos na aprendizagem

Se refere aos impactos do uso de IAGen no processo de aprendizagem, sejam eles positivos, negativos ou ambivalentes. Essa categoria analítica está relacionada ao

desenvolvimento ou à perda de habilidades como: a compreensão dos conteúdos e a autonomia intelectual. Um dos possíveis efeitos na aprendizagem se refere ao risco de perder a habilidade de pensar, ler e escrever. Esse é um risco também alertado pela UNESCO:

À medida que a IAGen se torna cada vez mais sofisticada, um dos principais riscos relacionados diz respeito ao seu potencial de minar a agência humana. Conforme mais indivíduos utilizam a IAGen para escrever ou para outras atividades criativa é possível que involuntariamente passem a depender dela. Isso pode comprometer o desenvolvimento de habilidades intelectuais. Embora a IAGen possa ser usada para desafiar e ampliar o pensamento humano, não deve permitir-se que ela o usurpe. A proteção e o aprimoramento da agência humana devem sempre ser considerações centrais ao projetar e adotar a IAGen. (2024, p. 24-25)

Considerando a aprendizagem como um processo dialético que acontece por meio da mediação de instrumentos e signos, realizado no espaço entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial do estudante, que constitui a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) (VYGOTSKY LS, 1989). É importante ressaltar a distinção entre facilitar tarefas e promover aprendizagem. Falas apontam que apesar da IAGen auxiliar no dia-a-dia, não necessariamente se constitui como aprendizagem, pois aprender exige esforço intelectual.

No meu aprendizado, não, mas para a realização de atividades profissionais, sim, por que você acha que não está auxiliando no seu aprendizado? Eu acredito que ela terceiriza o pensamento. Então, a gente tem um mundo onde as pessoas lêem menos, e têm menos paciência para assistir vídeos até mais curtos. Tudo tem inteligência artificial. Tudo as pessoas pedem para a inteligência artificial. A capacidade de pensar, a capacidade criativa interpretativa é perdida nesse processo. (Caio)

12

A fala abaixo evidencia a distinção entre acesso à informação e construção do conhecimento. A participante afirma que considera inadequado utilizar a IAGen para autoria. Ao constatar que a IAGen pode substituir a agência humana.

Mas, em fins educacionais, o que eu não acredito que seja válido de ser utilizado é para que ela faça o trabalho de pensar por mim, criticamente, ler um artigo e não ter uma opinião formada a respeito, porque não fui eu quem li. O Chat ele vai de dizer o tema, ele vai me dizer muitas vezes do que se trata, uma definição geral de algum termo, mas ele não vai fazer uma articulação desse texto com talvez um outro texto que eu já tenha lido ou com uma série, um filme, uma experiência sabe? Eu acho que isso é o limite da inteligência artificial [...] (Sandra)

Sobre uso excessivo e dependência da IAGen, o estudante Valério, relata a perda de competências, como: leitura, escrita e raciocínio. Corroborado por Leandro que afirma que ficamos “pobres de conhecimento”, pois se deixa de interpretar, terceirizando o pensar para a tecnologia.

Um estudante de História afirma que a IAGen auxilia na leitura de documentos históricos, tornando a linguagem mais acessível. Nesse caso, a decodificação do documento histórico gerado, pode atuar como facilitadora do processo de aprendizagem, desde que o

estudante realize a análise contextual e política do documento decodificado, utilizando os métodos próprios da História.

[...] de certa forma, tem facilitado a compreensão de alguns textos, assim, de algumas coisas. Como, por exemplo, quando a gente começa a analisar cartas, documentos escritos na época da República ou na época da Monarquia, que a escrita era diferente [...]. (Gilberto)

Quando os estudantes relatam que a IAGen deveria ser utilizada "como ferramenta de auxílio", que é preciso "limitar a forma de utilizar", evitar tornar-se "refém dela" ou resistir à tentação do "Ctrl C, Ctrl V" eles demonstram a preocupação de que a IA não seja utilizada para substituir processos de reflexão e tomadas de decisão que demandam esforço cognitivo, próprios do processo de aprendizagem (KOSMYNA N, et al., 2025).

Essa compreensão também aparece nas críticas à superficialidade das respostas produzidas pela IAGen. A estudante Manuela afirma que as respostas são "muito superficiais", "muito resumidas", "muito genéricas", "muito prontas" e "muito rápidas", concluindo que esse tipo de uso "a proibia de aprender". De modo semelhante, Edna, do curso de Biologia, reconhece que a linguagem simplificada facilita a compreensão inicial dos conteúdos, mas ressalta que "a gente não se aprofunda no assunto", resultando em um aprendizado superficial e, muitas vezes, "sem nem ter uma referência real".

Atuação docente

Apresenta menções sobre como docentes utilizam e articulam a IAGen ao ensino, envolvendo as estratégias pedagógicas, avaliações e orientações do seu uso em sala de aula, dentre outras ações diretamente relacionadas ao uso desta tecnologia.

Olha, nas experiências que eu tive com professores foi bem diverso, na verdade. Já tinha professor que falou que não tem problema não, pode usar, desde que não seja de uma forma muito descarada, como eu já tive professores que mudaram o método de avaliação nos componentes seguintes por conta da IA. [...] Mas eu acho que sim, deve haver alguma limitação ali, principalmente quando a gente está falando dos pontos principais, né? Da matéria do componente, para que seja garantido que de fato você tá aprendendo, né? De fato, se está sendo feito um aproveitamento satisfatório do componente. (Sebastião)

[...] Então é preciso que esse professor estimule esse estudante a buscar outras formas de estudar e talvez ter a IA como uma ferramenta de auxílio. Mas proibir, não faz mais parte da nossa realidade, porque isso já está muito inserido [...]. (João)

As respostas acima demonstram perspectivas variadas sobre como os professores lidam (ou como os estudantes consideram que eles deveriam lidar) com o uso de IAGen na realização de atividades acadêmicas, ficando evidente a inexistência de uma regulação. O estabelecimento

de normas para o uso acadêmico de IAGen é um tema muito polêmico, visto as implicações éticas do seu uso (QADIR J, 2023).

As falas dos estudantes revelam que os professores tendem a ser mais lenientes do que rigorosos com relação ao estabelecimento de regras para o uso acadêmico de IAGen. Assim, apesar de não haver um padrão na regulação do uso, grande parte dos discentes considera que deveria haver um controle maior. Estudantes argumentam que professores deveriam orientar seus alunos no uso consciente desta tecnologia.

A gente fica nessa de ficar exigindo, sei lá, um resumo do livro. Cara, isso aí era antes de ChatGPT, entendeu? Você tava lá na Wikipédia e já fazia isso. Eu sinto que o que tá ultrapassado são esses métodos avaliativos [...]. realmente repensar esse modelo educacional, esse modelo avaliativo. Então, eu não sei se regerar é o caminho. (Cecília)

Na verdade, eu acho que já tem um pouco de regra, não oficial assim, mas sempre... Eles falam, né? Alguma coisa. Acho importante também ter um limite de até onde ir, né? [...] Eles sempre falam quando é trabalho para escrever: Gente, não quero que vocês utilizem nenhum meio de inteligência artificial para escrever. Não pode. Eu vou usar aquele leitor de identificação. Assim sempre tem essa e tem professores que são mais maleáveis. Eu tive um professor inclusive que até falava: Gente, podem utilizar à vontade, se for para ajudar, podem utilizar, só não copia e cola, mas pode utilizar. (Bruna)

[...] Só que realmente, eu acho que os professores ao invés de reprimir isso eles deveriam se alinhar no sentido de usar como uma ferramenta. (André)

Outra visão aponta a necessidade do professor reconhecer o papel da IAGen no contexto acadêmico atual. Como relatado por Bruna, a postura docente poderia ser mais rígida, impondo regras quanto ao uso de IAGen (EROL G, et al., 2025). O relato dos estudantes também deixa implícito uma outra alternativa: a mudança do modelo educacional ou do ensino. Com a crescente integração de IAGen na educação, estudantes consideram que deveriam ser utilizadas metodologias que promovessem habilidades e competências essenciais, tais como: pensamento crítico, comunicabilidade e resolução de problemas (QADIR J, 2023).

Uma das formas de concretizar isso seria a mudança dos métodos de avaliação. Nesse cenário, em que as avaliações tradicionais estão ameaçadas, avaliações orais ou seminários se mostram como possíveis alternativas, visto que estas pressupõem uma maior internalização do conteúdo pelo estudante, ainda mantendo as atividades menores, com menos compromisso (QADIR J, 2023). Portanto, os estudantes necessitam de mediação pedagógica e de orientações para interagir de forma mais responsável, crítica e ética com a IAGen.

Tipos de uso

Se referem à instrumentalidade, as formas pelas quais os entrevistados utilizam a IAGen em suas atividades acadêmicas. Essas incluem, mas não são limitadas a: pesquisa acadêmica, escrita e revisão textual, auxílio na resolução de exercícios, elaboração de apresentações em slides e tira-dúvidas.

[...] a gente também utiliza para reescrever textos, às vezes corrigir textos, ou elaborar ideias em relação a algum tipo de projeto, mas nada que destoe a nossa ação sobre as atividades que a gente está fazendo. A gente como atores principais no processo de aprendizagem” (João)

Eu utilizo... por exemplo, eu tenho um livro muito complexo, aí faço a leitura. E aquele livro não me dá, assim, exatamente, com precisão, um texto que eu possa compreender melhor. Então, juntando com a IA, com certeza ela dá algo mais, como é que eu posso dizer? Mais explicativo, não é? De uma forma que interprete melhor. (Gabriela)

[...] Olha, prefiro usar só para texto, pesquisas, conferindo as referências. Sou bem contra o uso de imagem por inteligência artificial, não gosto de usar IA generativa para imagens. Não faz muito meu estilo, ainda mais que eu sou um pouco contra a esse negócio de criação de artes por inteligência artificial. (Fábio)

Os usos acima citados estão entre aqueles mais citados na literatura (Kasneci E, et al., 2023; Stromberg D, et al., 2026), enfatizando as aplicações em leitura e escrita, bem como auxiliando em etapas de pesquisa acadêmica. As respostas também apresentaram formas de uso que, mesmo sem uma finalidade acadêmica direta, servem como recurso para agilizar a realização de tarefas mais instrumentais. Como exemplos de tais usos, estão a pesquisa (tal como realizada em um motor de pesquisa tradicional) e produção/edição de vídeos, áudios e imagens.

Também é possível observar o uso para necessidades específicas de certos cursos, como o curso de Medicina, tais como a criação de chatbots para atuar como tutor.

Eu busco tentar não utilizar a IA como se fosse algo pronto, sabe? Tipo, de ela fazer todo o processo e eu copiar e entregar o que ela me deu. Eu busco programar ela para me responder sem me dar a resposta final, mas sim me orientando nas atividades. Eu praticamente torno ela uma tutora, uma professora, que ela me ajuda a entender o assunto, mas não me dá uma resposta final. (Marcelino)

Cabe ressaltar que alguns estudantes do curso de Engenharia demonstraram receio de utilizar IAGen em tarefas mais complexas, visto a desconfiança do uso para resolução de cálculos matemáticos. Em geral, esses discentes costumam empregar a IAGen como suporte na área de programação e produção textual.

É mais em relação ao apoio. Na engenharia, a gente também usa muito programação. O ChatGPT, como um programa como o IA, tem uma boa ferramenta para a gente desenvolver códigos dentro dessa área. Lógico que a gente também utiliza para reescrever textos, às vezes corrigir textos, ou elaborar ideias em relação a algum tipo de projeto. Mas nada que destoe a nossa ação sobre as atividades que a gente está fazendo. A gente como atores principais no processo de aprendizagem. (João)

Quando os estudantes afirmam que IAGen deveria ser utilizada "como ferramenta de auxílio", que é preciso "limitar a forma de utilizar", evitar tornar-se "refém dela" ou resistir à tentação do "Ctrl C, Ctrl V" eles demonstram a preocupação de que a IA não seja utilizada para substituir processos de reflexão e tomadas de decisão que demandam esforço cognitivo, próprios do processo de aprendizagem (KOSMYNA N, et al., 2025).

DIVERSOS

Engloba comentários sobre o uso de IAGen fora do âmbito acadêmico.

Eu acho que o uso da IA é muito bom. Mas ele tem que ser limitado também a idades, né? [...] Porque eu acho que quando você começa muito cedo, você de fato não aprende. Você copia aquilo ali. Entendeu? Eu acho que tinha que ser definido uma idade para que a pessoa tenha consciência do que está fazendo, né? Porque eu acho que uma pessoa de 16 anos, por mais inteligente que ela seja, ela não tenha consciência ainda de que aquilo ali vai te... vai tornar um vício." (Giovanna).

16

A preocupação trazida pela fala acima suscita a importância da discussão sobre a dependência que o uso de IAGen pode gerar. Um levantamento feito pela TIC Kids Brasil analisou que 65% das crianças e adolescentes brasileiros utilizam IAGen, principalmente para ajudá-los nos estudos. Porém, os próprios adolescentes que participaram desse levantamento "reconheceram que a dependência excessiva pode prejudicar o aprendizado genuíno" (VELLOSO, 2026, p. 118).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento dos benefícios da IAGen na educação são evidentes, considerando a otimização de tempo em tarefas como pesquisas, resumos e revisões textuais. Contudo, este benefício instrumental não deve ser confundido com o processo de aprendizagem. Os estudantes demonstram consciência quanto aos riscos inerentes ao uso acrítico: dependência tecnológica, superficialidade do conhecimento adquirido e a potencial perda da capacidade crítica e autoral. O aspecto mais proeminente entre as falas dos participantes foi o

desenvolvimento da consciência de uso, onde o uso da IAGen deve ser balizado por uma perspectiva de auxílio, não de substituição.

É interessante ressaltar que, a depender do curso, existem diferenças no uso de IAGen na educação. Enquanto estudantes da área de Saúde e Exatas utilizam IAGen de forma mais pragmática, estudantes de Humanidades e Artes apresentam uma postura mais crítica e cautela deste uso. No entanto, embora existam diferenças nas formas de utilização e não-utilização de IAGen, um aspecto unânime foi a consciência do uso. A reflexão sobre a dependência, os efeitos no aprendizado e a valorização da autoria, da autonomia, do pensamento crítico e da resolução de problemas estavam presentes como preocupações de estudantes universitários contemporâneos.

Conclui-se que, a fim de assegurar o desenvolvimento da agência humana, seja crucial que instituições de ensino superior promovam metodologias que estimulem o pensamento crítico e a resolução de problemas, capacitando os estudantes não apenas a usar a tecnologia, mas principalmente, a questioná-la e a manter-se como protagonistas de sua jornada de acadêmica. Portanto, a IAGen deve ser vista como um poderoso recurso de apoio, desde que o processo de aprendizagem permaneça ancorado no esforço intelectual e na autonomia do indivíduo.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Agradecemos à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) da UFSB pela concessão de auxílio financeiro para publicação de resultados de pesquisa científica.

REFERÊNCIAS

BASSI RE. Percepção dos alunos de ensino a distância sobre o ensino de IA na graduação. *Advances in Global Innovation & Technology*, v. 2, n. 3, p. 24-40, 2024. DOI: <https://doi.org/10.29327/2384439.2.3-2>. Disponível em: <https://revista.fateczl.edu.br/index.php/git/article/view/138>. Acesso em: 20 jul. 2026.

CRAWFORD K. *Atlas of AI: power, politics, and the planetary costs of artificial intelligence*. New Haven: Yale University Press, 2021; 333 p.

DAMÁSIO A. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Tradução de Laura Teixeira Motta. Revisão técnica de Luiz Henrique Martins Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

EROL G, et al. Can we trust academic AI detective? Accuracy and limitations of AI-output detectors. *Acta Neurochirurgica*, v. 167, n. 1, p. 214, 2025.

HOLMES, W, et al. Artificial intelligence education: promises and implications for teaching and learning. Boston: Center of Curriculum, 2019; 228 p.

KASNECI E, et al. ChatGPT for good? On opportunities and challenges of large language models for education. *Learning and Individual Differences*, v. 103, p. 102274, abr. 2023.

KOSMYNA N, et al. Your Brain on ChatGPT: Accumulation of Cognitive Debt when Using an AI Assistant for Essay Writing Task. *arXiv*, 2025. Disponível em: <<https://arxiv.org/abs/2506.08872>>. Acesso em: 19 jul. 2026

LUCKIN R. Machine learning and human intelligence: the future of education for the 21st century. London: Institute of Education Press, 2018; 157 p.

PIMENTEL M, CARVALHO F. ChatGPT: concepções epistêmico-didático-pedagógicas dos usos na educação. *SBC Horizontes*, 6 jun. 2023. Disponível em: <<https://horizontes.sbc.org.br/index.php/2023/06/chatgpt-concepcoes/>>. Acesso em: 10 jun. 2026.

QADIR J. Engineering Education in the Era of ChatGPT: Promise and Pitfalls of Generative AI for Education. In: 2023 IEEE GLOBAL ENGINEERING EDUCATION CONFERENCE (EDUCON). 2023 IEEE Global Engineering Education Conference (EDUCON). Kuwait, Kuwait: IEEE, 1 maio 2023. Disponível em: <<https://ieeexplore.ieee.org/document/10125121/>>. Acesso em: 28 jul. 2026

18

SEVERINO, A J. Metodologia do Trabalho Científico. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2017; 335 p.

STOKEL-WALKER C, VAN NOORDEN R. What ChatGPT and generative AI mean for science. *Nature*, v. 614, n. 7947, p. 214-216, 9 fev. 2023.

STROMBERG D, et al. The Generative AI Learning Penalty: Evidence from Chinese Secondary Education. Rochester, NY Social Science Research Network, , 2 jun. 2026. Disponível em: <<https://papers.ssrn.com/abstract=6868618>>. Acesso em: 13 ago. 2026

UNESCO. Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa. Paris, França: UNESCO, 2024.

VELLOSO P. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2025. Tradução: Prioridade Consultoria Ltda. São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2026;

VIERIU AM, PETREA G. The Impact of Artificial Intelligence (AI) on Students' Academic Development. *Education Sciences*, v. 15, n. 3, p. 343, mar. 2025.

VYGOTSKY LS. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989; 168 p.

WONG WKO. The sudden disruptive rise of generative artificial intelligence? An evaluation of their impact on higher education and the global workplace. *Journal of Open Innovation: Technology, Market, and Complexity*, v. 10, n. 2, p. 100278, jun. 2024.